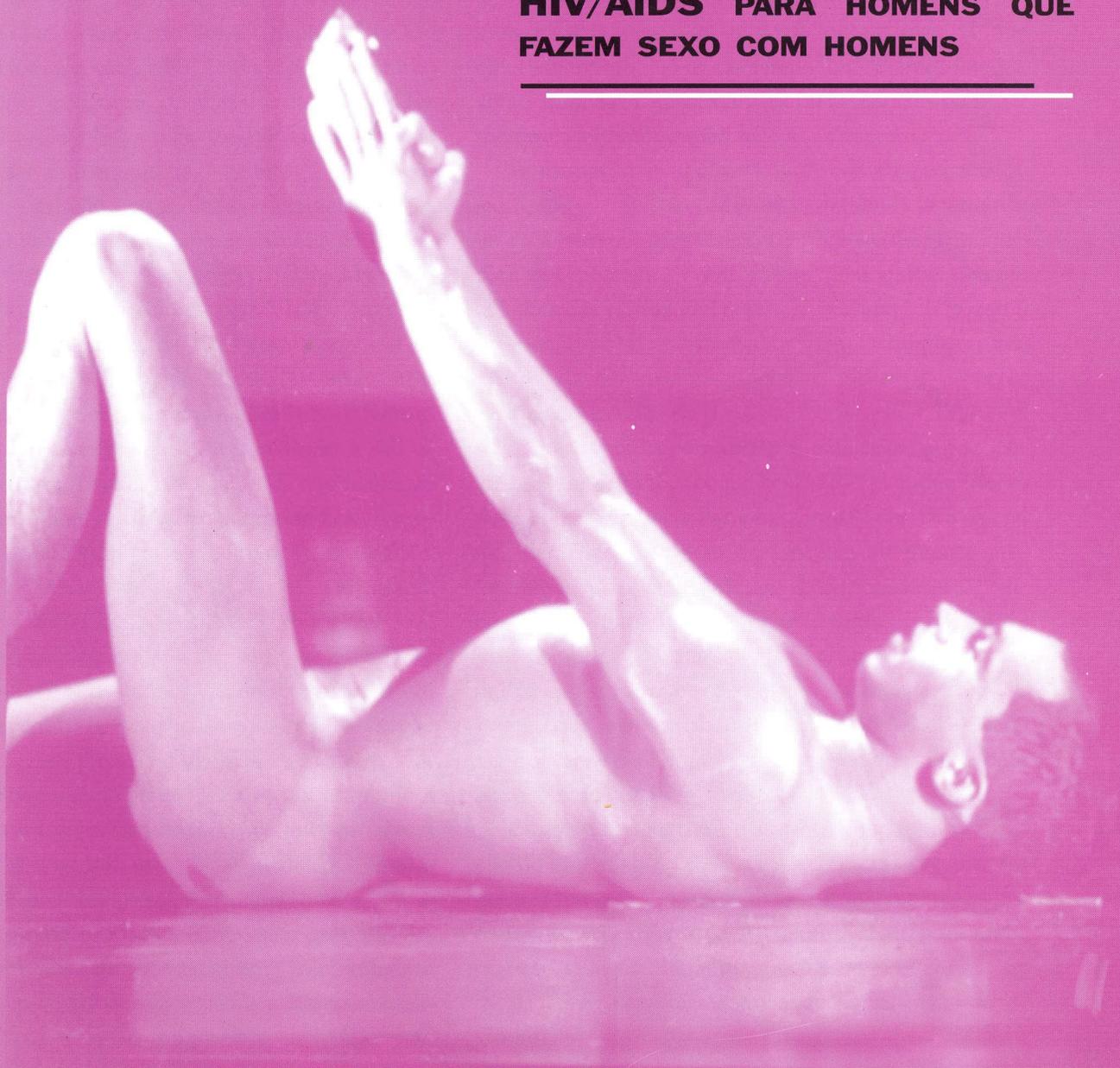


# MANUAL DO FACILITADOR

**OFICINAS DE PREVENÇÃO A  
HIV/AIDS PARA HOMENS QUE  
FAZEM SEXO COM HOMENS**



# APRESENTAÇÃO

Este manual surge do trabalho cotidiano com homossexuais masculinos dentro de um projeto institucional da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). O Projeto “Prevenção à AIDS para Homens que Fazem Sexo com Homens no Brasil”, depois chamado de “Homossexualidades”, teve início em junho de 1993 e vigorou até dezembro de 1995. De outubro de 1996 a maio de 1997 uma segunda fase foi implementada, visando à documentação e à análise acumuladas no primeiro período. O projeto contou com a parceria do Grupo pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS (Grupo pela VIDDA) de São Paulo e até janeiro de 1995 com a parceria do Grupo pela VIDDA do Rio de Janeiro. Outras entidades, como organizações não-governamentais com trabalhos de prevenção à AIDS, grupos de conscientização ou emancipação homossexual, também colaboraram com o projeto financiado pelas seguintes entidades: FHI/AIDSCAP-BR/USAID e Programa

Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde.

O projeto implementou uma série de atividades educativas, entre elas oficinas visando a propiciar um espaço de aprendizagem e discussão sobre a prevenção a HIV/AIDS, suas dúvidas e dilemas. A idéia de criar as oficinas baseou-se no papel histórico que as reuniões para debates coletivos significam na organização social e política dos homossexuais. Essas atividades, implementadas em diversos países e em diferentes momentos, proporcionaram oportunidades para que milhões de homens pudessem compartilhar coletivamente informações e questões relacionadas à homossexualidade masculina. Com o surgimento da AIDS essa

metodologia apresentou-se como uma maneira culturalmente apropriada de também discutir as questões levantadas pela epidemia, como por exemplo a adoção de práticas sexuais mais seguras. As oficinas que serão apresentadas neste manual, em suas diferentes metodologias, inserem-se nessa perspectiva, já que objetivaram não só a disseminação de informações, como também a discussão de uma série de questões inerentes à homossexualidade em tempos de AIDS.

A formação e a consolidação de um espaço de expressão e convívio, além da experiência acumulada de três anos de atividades, têm fornecido elementos para que possamos compartilhar com outras pessoas algumas das nossas vivências. Temos aprendido que a prevenção à AIDS é muito mais que a simples transmissão de informações técnicas sobre os aspectos biológicos de vírus ou doenças. O risco de HIV/AIDS tem a ver também com direitos, cidadania, autoconfiança, amor próprio e com a realização plena de nossos desejos e esperanças. Por isso, o nosso objetivo inicial foi, além da abordagem de aspectos puramente preventivos, a criação de redes de apoio social e psicológico entre os participantes. Houve ainda atividades de assistência e aconselhamento, tentando aliviar as múltiplas tensões e angústias relacionadas com a vivência da sexualidade, o risco de HIV/AIDS e o sexo seguro. As atividades envolveram um grau de debate político e de conscientização.

Esperamos poder oferecer um guia para a realização de um trabalho com coletivos homossexuais. Ao mesmo tempo, alertamos para a importância de um maior espaço para a criatividade e possíveis adaptações às sugestões aqui apresentadas a condições locais. Toda sugestão e troca de idéias serão bem-vindas.

# QUEM PODE USAR ESTE MANUAL



Este manual contém informações sobre a forma como foram desenvolvidas diversas atividades do Projeto Homossexualidades, de acordo com propósitos específicos que serão delineados. O manual é destinado a pessoas com qualquer grau de escolaridade, sendo aplicável a diversos contextos de trabalho e lazer. Para a utilização deste manual não é necessária qualquer formação em áreas da Educação nem é preciso ser expert em AIDS. Contudo, é conveniente procurar fontes de informação e atualização sobre HIV/AIDS, já que não serão expostos aqui conceitos técnicos médico-biológico, para os quais há literatura abundante.

As atividades do Espaço Cultural das Quintas-Feiras e a Oficina de Teatro Expressionista têm sido desenhadas e planejadas com a especificidade necessária para uma categoria de pessoas definida inicialmente como “homens que fazem sexo com outros homens”, no contexto do projeto institucional do mesmo nome (HSH) .

As pessoas podem questionar a escolha do nome. Apesar da aparente ambigüidade deste termo e do mesmo referir-se unicamente a comportamentos, ele designa indivíduos do sexo masculino que se estimulam erótica e sexualmente com outros indivíduos do mesmo sexo. A abrangência deste termo pode criar dificuldades devido à inclusão neste grupo de pessoas com identidades e percepções variadas. A título de exemplo, homens travestis, homossexuais assumidos e não assumidos, trabalhadores do sexo (michês), e bissexuais podem ser designados pelo mesmo termo HSH.

Ao mesmo tempo, o uso do termo HSH pode apre-

sentar vantagens quando as pessoas não se identificam facilmente com outros termos corriqueiros, especialmente com aqueles que envolvem estigma (“bicha”, “viado”, “boiola”, “mona”, “maricona”, entre outros). Também há termos menos pejorativos que designam formas de se identificar erótica e sexualmente, mas que causam confusão em algumas pessoas (“homossexual”, “entendido”, “gay”, “bissexual”). Por exemplo, um homem pode estimular-se sexualmente com outros homens mas não se considerar homossexual ou achar que “os homossexuais” são diferentes dele.

Em uma etapa posterior do trabalho do Projeto HSH, o nome foi mudado para “Projeto

# HOMENS SEXO HOMENS

Homossexualidades”, por entender que abrangia uma categoria ampla de pessoas de orientação sexual homoerótica. É claro que este novo termo também não estava isento de problemas e diversas interpretações. Assumindo as dificuldades do uso de qualquer um dos termos e de suas ambigüidades, grande parte dos exercícios, a temática e os problemas abordados foram planejados para homens adultos orientados eroticamente para o mesmo sexo. Resulta claro que os mesmos podem ser aplicáveis, com as necessárias adaptações, a minorias sexuais e grupos estigmatizados por sua orientação sexual. Assim, as dinâmicas e exercícios aqui descritos podem ser imediatamente aplicáveis a coletivos mais ou menos homogêneos de adultos - HSH, incluindo pessoas identificadas como gays, homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. Este constitui o “público-alvo” deste manual.

Há também outros grupos pertencentes a minorias sexuais e a pessoas agrupadas por seu trabalho com sexo, aos quais os métodos empregados podem ser aplicáveis, tais como mulheres que fazem sexo com outras mulheres, trabalhadores do sexo (tanto homens como mulheres), grupos de pessoas identificadas por cor ou etnia (negros, índios), pessoas dependentes de substâncias injetáveis, mulheres heterossexuais ou bissexuais, adultos de ambos os sexos institucionalizados ou encarcerados.

De forma mais ampla, outros coletivos podem ser incluídos com as necessárias adaptações, de acordo com suas características e seu status perante a lei. Estes incluem grupos mistos de homens e mulheres heterossexuais, pessoas identificadas por religião ou tendência política, adolescentes de ambos os sexos, menores institucionalizados e pessoas agrupadas em virtude de seu estudo ou trabalho.

Entendemos que o trabalho com HSH deve ter características específicas, devido ao fato de que a vivência da sexualidade homoerótica apresenta problemas sócio-culturais que devem ser trabalhados, já que se trata de grupos tradicionalmente estigmatizados. Com referência à epidemia de HIV/AIDS, a história recente demonstrou a forma como a doença e o estado de portador podem ser veículos e rótulos para discriminação. Por isso, pensamos que nosso trabalho apresenta uma especificidade que não busca excluir outros coletivos da sociedade. Pelo contrário, busca-se satisfazer as necessidades de pessoas cuja orientação sexual as torna mais vulneráveis na sociedade, colocando-as em situação especial de risco.

As atividades que serão descritas constituem o trabalho de três anos e meio, quando foram delineando-se os contornos de duas abordagens de promoção do sexo seguro para a prevenção de HIV/AIDS direcionadas a HSH. A primeira abordagem constitui uma série de atividades que designamos como Espaço Cultural das Quintas-Feiras, por serem ministradas durante a vigência do projeto em todas as quintas-feiras, às 19 horas. A segunda abordagem é a Oficina de Teatro Expressionista, que durante a vigência do projeto foi ministrada nas quartas-feiras, também às 19 horas.

**AS ATIVIDADES QUE SERÃO DESCRITAS CONSTITUEM O TRABALHO DE TRÊS ANOS E MEIO, QUANDO FORAM DELINEANDO-SE OS CONTOURNOS DE DUAS ABORDAGENS DE PROMOÇÃO DO SEXO SEGURO PARA A PREVENÇÃO DE HIV/AIDS DIRECIONADAS A HSH. A PRIMEIRA ABORDAGEM CONSTITUI UMA SÉRIE DE ATIVIDADES QUE DESIGNAMOS COMO ESPAÇO CULTURAL DAS QUINTAS-FEIRAS, POR SEREM MINISTRADAS DURANTE A VIGÊNCIA DO PROJETO, TODA QUINTA-FEIRA ÀS 19 HORAS. A SEGUNDA ABORDAGEM É A OFICINA DE TEATRO EXPRESSIONISTA.**

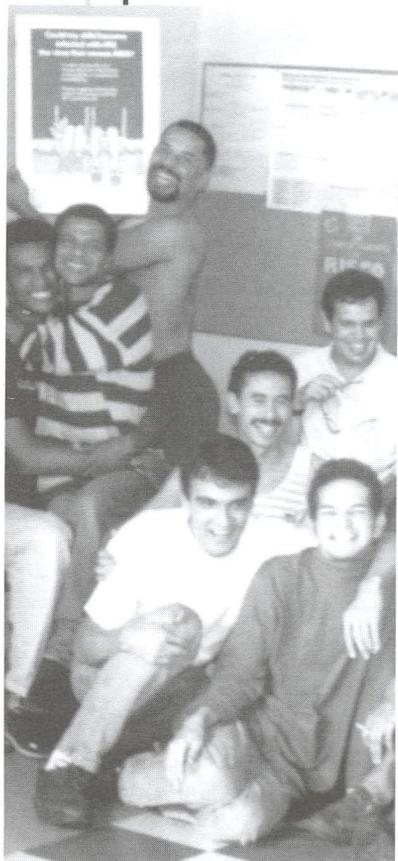


# ESPAÇO CULTURAL DAS QUINTAS-FEIRAS

## DESCRIÇÃO E HISTÓRICO

O Espaço Cultural das Quintas-Feiras surgiu em 1994 depois de vários meses de uma única atividade pontual, a Oficina de Sexo Seguro para HSH, iniciada em setembro de 1993. Depois de transcorridos seis meses de execução contínua, vimos que a maioria das pessoas assistia a uma ou a duas oficinas e ficava satisfeita. Também verificamos uma rotatividade, que dependia das atividades de promoção-intervenção nos lugares de diversão gay que faziam parte do projeto. Depois de um bom comparecimento de pessoas vindas de todos os lugares da área metropolitana do Rio de Janeiro, houve um esgotamento progressivo da clientela, conforme esgotavam-se os locais onde eram feitas as intervenções (bares, boates, praias, saunas).

A partir das avaliações do desempenho da Oficina de Sexo Seguro para HSH, sentimos que os temas surgidos ao longo do trabalho ficavam mal desenvolvidos, havendo limitações intrínsecas devido a um formato fechado e direcionado primordialmente ao “sexo seguro”. Era necessário criarmos formas diversas para a discussão de vários aspectos da vida do homossexual que influíam na prática de sexo seguro. Assim, planejamos, experimentamos e desenvolvemos novas formas de atividades com o objetivo de abranger e satisfazer a demanda, que surgia como resultado das vivências do cotidiano narradas pelos participantes. Desta maneira, surgiram outras atividades como desdobramentos da oficina, tais como videoclube, debates e outras oficinas direcionadas a temas específicos.



## OBJETIVOS E PRESSUPOSTOS

O ponto de partida e fundamento deste conjunto de atividades do ECQF é a própria definição de oficina como um espaço e um tempo em que há a execução de um trabalho e a obtenção de um produto. Trabalha-se sobre várias esferas da vida individual e sócio-cultural das pessoas, partindo de dois pressupostos:

1) O universo dos atos humanos. Os atos das pessoas são muito mais do que comportamentos animais envolvendo emoções, sentimentos, fantasia, desejo e a necessidade de dar e receber afeto. Por isso, além das práticas de risco trabalhamos sobre vários sentimentos negativos que afetam a pessoa de orientação homossexual, como a vergonha e a culpa, opostas ao orgulho de si e ao amor próprio. Abordamos também o cinismo e o desejo de vingança contra os outros que impedem um senso de responsabilidade. Levamos em conta o medo e a depressão que se opõem à coragem, à confiança e à felicidade.

2) Indivíduo, Sociedade e Cultura. Os ambientes social e cultural são tão importantes como a esfera individual no sentido de promover mudanças de comportamento necessárias para a prevenção de HIV/AIDS. Por isso, as oficinas devem criar um espaço de convívio que favoreça uma interação positiva e que ao mesmo tempo abra um leque de possibilidades de multiplicação de espaços alternativos adequados para esse fim. Neste sentido, além das práticas de risco alguns aspectos sociais e culturais devem ser igualmente trabalhados, como a presença, a voz e a visibilidade do homossexual na sociedade, em oposição ao silêncio e à clandestinidade. Abordamos também a discriminação e a exclusão violenta que trazem a necessidade de enxergar formas de participação nas instituições da sociedade e de luta pela aceitação e respeito da pessoa homossexual.

O ECQF busca chegar à diminuição do risco de HIV/AIDS e de outras doenças de transmissão sexual através das seguintes atividades:

- 1) Oficina de Sexo Seguro para HSH
- 2) Atividades complementares (vídeoclube, debates).

Os objetivos gerais dessas atividades são:

- promoção e êrotização de técnicas de sexo seguro
- desgenitalização da atividade erótico-sexual
- desmistificação do comportamento homossexual
- conhecimento de práticas de risco e formas de prevenção
- redução de tensão, medo e ansiedade criados pela AIDS
- promoção de apoio e solidariedade às pessoas com HIV/AIDS
- esclarecimento de preconceitos e luta contra o estigma e a discriminação
- promoção de redes de apoio e solidariedade e de valores de cidadania
- valorização positiva da vivência da homossexualidade e promoção do amor próprio de indivíduos e grupos.

**AS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO ECQF TIVERAM COMO OBJETIVO PRINCIPAL A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO CULTURAL GAY PARA A DISCUSSÃO E TRABALHO SOBRE O PANO DE FUNDO SOCIAL E CULTURAL DO RISCO DE HIV/AIDS E DE DIVERSOS ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA DE VIDA CONTEMPORÂNEA DA HOMOSSEXUALIDADE, TAIS COMO A VALORIZAÇÃO DA PESSOA E A CONSCIÊNCIA SOBRE SEUS DIREITOS, A LUTA CONTRA A ESTIGMATIZAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE, A RELAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE COMO FAMÍLIA, RELIGIÃO, CULTURA GAY, ENTRE OUTROS.**



## **PAPEL DO FACILITADOR NO ESPAÇO CULTURAL DAS QUINTAS-FEIRAS**

**O MEDIADOR E SEU ASSISTENTE DEVEM POSICIONAR-SE DE FORMA A ZELAR PELO DESENVOLVIMENTO DA SEQÜÊNCIA DAS ATIVIDADES COM SUFICIENTE CRIATIVIDADE E FLEXIBILIDADE. DEVEM INSPIRAR CONFIANÇA E AUTORIDADE SUFICIENTES PARA EVITAR CONVERSAS PARALELAS OU POLARIZAÇÕES QUE LEVEM A AGRESSÕES PESSOAIS OU FALTA DE RESPEITO. AO TEMPO QUE SE PERMITE A EXPRESSÃO LIVRE DE TODOS OS PARTICIPANTES, DEVE-SE COLOCAR OS LIMITES ÉTICOS DA PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES**

Na Oficina de Sexo Seguro para HSH e nas atividades complementares do ECQF, o mediador é um participante com funções de coordenador que em determinadas situações pode orientar, como na demonstração do uso da camisinha, na divulgação e esclarecimento de informações técnicas. No entanto, outros participantes podem assumir funções semelhantes.

Cabe ao mediador a responsabilidade de se manter bem informado sobre os aspectos mais relevantes da prevenção e sobre as práticas sexuais de risco. Sempre que é feita uma pergunta cuja resposta ele desconhece, o mediador deve ser sincero para não passar informações erradas e verificar se algum dos participantes sabe a resposta. Depois, deve anotar as perguntas mais freqüentes e ir esclarecendo para si as dúvidas levantadas pelos participantes.

Todas as informações devem ser tidas como transitórias, sem o conceito de verdades absolutas. As atividades do ECQF devem proporcionar espaço para uma discussão livre e espontânea de todas as possibilidades. Todos, inclusive o mediador, devem estar dispostos a compartilhar, aprender, orientar, receber críticas e questionamentos, resolver as dúvidas e os problemas, respeitando os limites de cada um. Assim, o papel e a atitude do mediador diferenciam-se das funções de um professor que detém o saber.

O mediador deve ter constância e pontualidade para demonstrar respeito e consideração aos participantes e ao tempo que dedicam às atividades do ECQF. É necessária a colaboração de um assistente, particularmente na execução das oficinas e na organização dos debates. Juntos, devem elaborar um planejamento trimestral ou mensal, antecipando as atividades a serem desenvolvidas, os filmes para apresentação no videoclube, os temas e as pessoas convidadas para os debates. As datas, feriados e eventos paralelos relevantes devem ser conferidos com antecedência.

Antes de cada atividade deve-se dedicar um tempo à preparação dos materiais: quantidade suficiente de papel e lápis para uso dos participantes; papel para mural (papel pardo para uso em álbum seriado) e caneta Pilot (pincel atômico)

para uso do mediador durante as sessões. Outras atividades prévias às oficinas, ao videoclube e aos debates consistem em reservar e apanhar a fita de vídeo a ser apresentada, contatar as pessoas convidadas e confirmar sua participação, reservar a quantidade de preservativos necessários para distribuição após cada sessão.

Finalmente, o mediador e seu assistente devem posicionar-se de forma a zelar pelo desenvolvimento da



seqüência das atividades com suficiente criatividade e flexibilidade. Devem inspirar confiança e autoridade suficientes para evitar conversas paralelas ou polarizações que levem a agressões pessoais ou a falta de respeito. Ao tempo que se permite a expressão livre de todos os participantes, deve-se colocar os limites éticos da participação nas atividades (vide infra, Apresentação e Definição de “Regras do Jogo”).

## **PAPEL DOS PARTICIPANTES NO ESPAÇO CULTURAL DAS QUINTAS-FEIRAS**

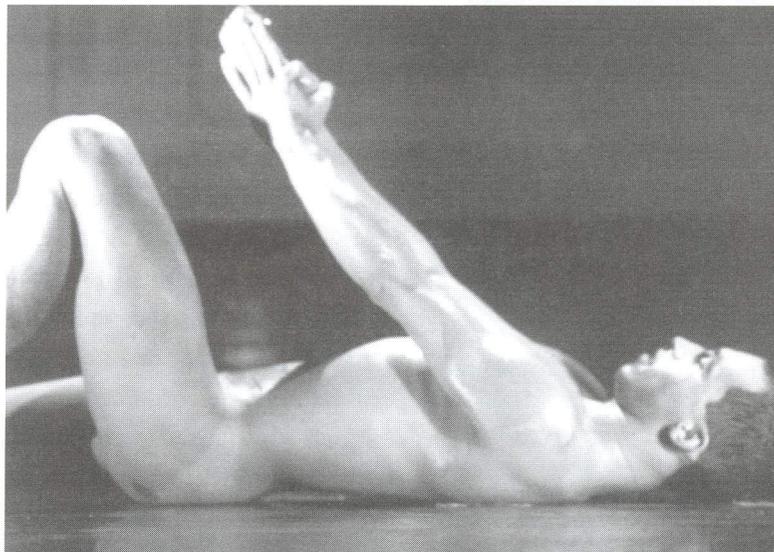
Na Oficina de Sexo Seguro para HSH espera-se o máximo de participação com respeito. Inicialmente, expõem-se as “regras do jogo”, em que se pede às pessoas falarem de suas práticas, respeitando e escutando a vez de cada um, a necessidade de manter a confidencialidade, não julgar os outros, não estigmatizar e participar o mais ativamente possível. Deve ficar claro que é respeitado o direito de cada um de não responder a determinadas perguntas. Também deve ficar claro que há um espaço disponível para uso da liberdade de expressão para discutir e compartilhar informações com o devido respeito aos outros participantes e ao próprio espaço da entidade.

## **ATIVIDADES E MÉTODOS DO ESPAÇO CULTURAL DAS QUINTAS-FEIRAS**

### Oficina de Sexo Seguro para HSH

A Oficina de Sexo Seguro para HSH deve ser realizada em um local que ofereça privacidade e tranqüilidade para a reflexão. A decoração com cartazes e o uso de música ambiental devem colaborar junto com a pontualidade para despertar a confiança dos participantes na entidade e no espaço. Antes das oficinas, deve-se sempre informar sobre os horários e as atividades, trazendo à tona outros eventos da atualidade relevantes aos objetivos propostos. Os materiais de informação, como folhetos ou filipetas sobre sexo seguro, locais de distribuição gratuita de preservativos, centros de testagem anônima para HIV, outros projetos de prevenção, grupos de militância homossexual e locais de lazer devem estar disponíveis aos participantes.

A Oficina de Sexo Seguro para HSH segue uma seqüência lógica que pode ser adaptada de acordo com as circunstâncias.



### 1) Apresentação e definição de “regras do jogo”

Deve ficar claro que a linguagem utilizada será a mais simples e que somente serão referidos termos técnicos para esclarecimento dos participantes. Os participantes devem estar conscientes da ética desse trabalho, que envolve sigilo e confidencialidade.

### 2) Exercício de descontração e reconhecimento mútuo

O mediador orienta os participantes para caminharem com os olhos fechados no escuro durante 3 ou 4 minutos, ao som de uma música leve, misturando-se e mudando de rumo quando tropeçarem. Em seguida, ele ordena que os participantes parem e permaneçam com os olhos fechados, respirando profunda e lentamente, elevando os braços na inspiração e deixando-os cair na expiração.

### 3) Apresentação dos participantes

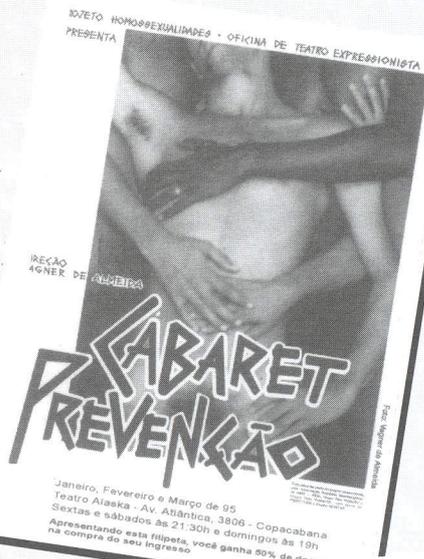
Os participantes abrem os olhos e buscam a pessoa que ficou mais próxima. Assim, o grupo é separado em casais de desconhecidos que por acaso ficaram próximos. Se houver um número ímpar de participantes e um participante ficar sem par, o mediador deve ficar com esse participante. Cada par deve conversar durante 5 a 10 minutos, tempo suficiente para apresentação mútua. Depois, todos se sentam, formando uma roda, onde cada participante apresenta seu colega ao grupo. Na conversa dos recém-conhecidos deve ficar claro os aspectos que desejam que sejam revelados aos outros. Algumas pessoas podem mostrar algum impedimento em revelar a outros que são gays, embora o próprio mediador se identifica como tal no início da oficina. Outros fatos podem ser importantes quando as pessoas se identificam. Os participantes devem ficar completamente à vontade para falar sobre temas como quando se assumiram como homossexuais, as atitudes da família, dos colegas de estudo e do trabalho, além dos dados pessoais (profissão, idade).

### 4) Representação de “sexo seguro”

O mediador pede para os participantes dizerem a primeira imagem ou palavra que vem a suas mentes quando se fala de sexo seguro. Também pode ser pedido aos participantes para expressarem essa imagem mediante um desenho ou escultura. Verifica-se que a maioria das pessoas identifica “sexo seguro” com “camisinha”. O mediador deve dar ênfase ao fato do sexo seguro é muito mais que uso de preservativo, mas também um conceito aberto e variável, como é o conceito de risco. Alguns participantes podem preferir termos como “sexo mais seguro” ou “sexo com menos risco”.

### 5) Práticas e risco

As práticas de sexo podem ser abordadas perguntando aos participantes os atos sexuais que conhecem ou pedindo para descreverem as coisas que gostam ou que nas suas fantasias gostariam de fazer e sentir. O mediador deve listar ou escrever as práticas no quadro-negro ou em um papel para álbum seriado mural, preferivelmente utilizando a cor preta ou azul (ou branca, caso se utilize giz).



Também podem ser abordadas outras preferências de práticas ou de correlatos da atividade sexual como o uso de fetiches, de pornografia ou as diversas posições sexuais.

Esta parte do trabalho é concluída com a percepção de que as práticas sexuais oferecem possibilidades praticamente infinitas de prazer, sendo que umas poucas são consideradas perigosas para o contágio de HIV/AIDS. Estas poucas práticas devem ser assinaladas pelo facilitador, utilizando preferivelmente a cor vermelha para destacá-las. Será dada ênfase à penetração anal e vaginal não protegidas com preservativo e ao sexo oral com ejaculação. Nesse momento deve ser lembrado que a presença de ferimentos ou infecções na boca, órgãos genitais e ânus aumentam consideravelmente o risco.

É possível que neste momento surjam perguntas e dúvidas sobre a transmissão do HIV ou de doença sexualmente transmissíveis(DST's). Algumas delas podem ser resolvidas imediatamente. Porém, se o objetivo de mostrar as poucas práticas de risco em um universo maior de atos erótico-sexuais foi satisfeito, as perguntas restantes podem ser respondidas em uma seção posterior de perguntas e respostas.

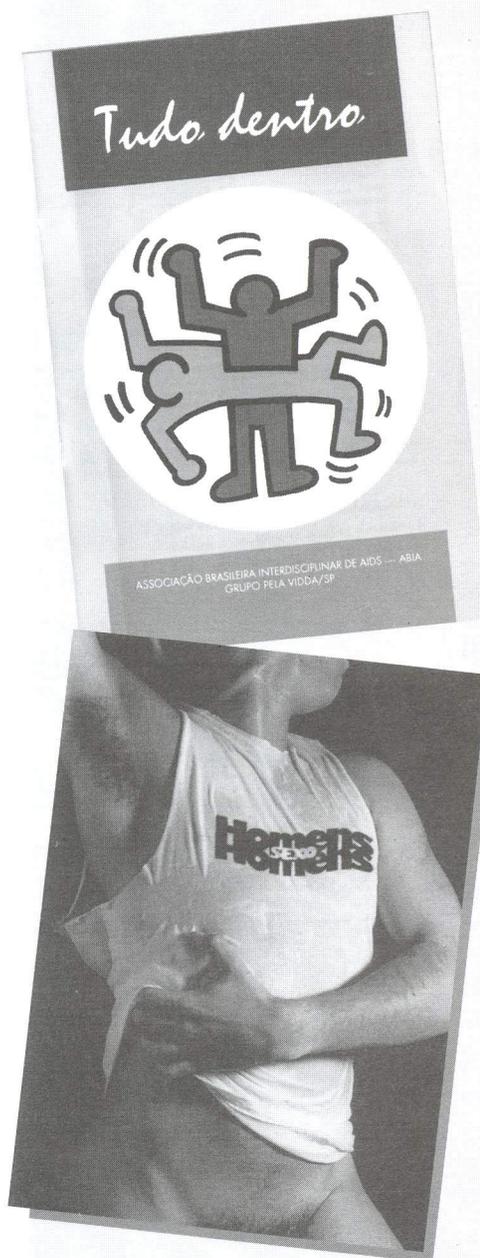
#### 6) Demonstração do uso de camisinha

Em um modelo de pênis, ou em um pepino, banana, garrafa, ou cabo de vassoura, por exemplo, pode ser demonstrado o uso da camisinha em um ambiente lúdico ou de brincadeira. Dois participantes podem ser escolhidos por sorteio, fazendo rodar uma garrafa de refrigerante, para colocar a camisinha no modelo, ao tempo que são observados pelo mediador e participantes. Isto pode ser feito através de jogo ou concurso. Simultaneamente podem ser esclarecidos detalhes sobre a técnica de colocação: detalhes sobre a forma de colocar sempre que haja uma boa ereção; apertar com dois dedos o reservatório da ponta para tirar o ar, utilizando a outra mão para desenrolar a camisinha; a necessidade de lubrificação com substâncias solúveis em água que não destruam o látex; a validade da camisinha, que geralmente está em torno de quatro anos depois da data de fabricação, desde que a embalagem esteja intacta; informações sobre a qualidade do produto e seu custo. É conveniente esclarecer que a maioria das vezes em que o preservativo estoura, é por causa de técnica inadequada. Pode-se orientar também para os locais de distribuição gratuita de preservativo. Podem ser fornecidas dicas no sentido de dar espaço à criatividade: o parceiro (ou parceira) pode aprender a colocar a camisinha com a boca.

Ao mesmo tempo em que se fala sobre esses temas, o mediador pode brincar com a camisinha, demonstrando familiaridade com ela, colocando na mão como uma luva ou na cabeça como um chapéu para mostrar sua elasticidade e resistência. O mediador pode perguntar aos participantes quem usa camisinha. Porém, é mais útil perguntar que dificuldades os participantes têm encontrado para o uso da camisinha ou o que menos gostam quanto a usam.

#### 7) Situações de dificuldade especial

As técnicas de sexo seguro são mais difíceis de implementar em determinadas



**O OBJETIVO DESTA SEÇÃO É QUE OS PARTICIPANTES "VIVAM" OU RECRIEM ESSAS SITUAÇÕES MEDIANTE A ENCENAÇÃO TEATRAL. SÃO SELECIONADOS ALGUNS VOLUNTÁRIOS PARA A ENCENAÇÃO DE TRÊS SITUAÇÕES DA FORMA QUE ELES QUEIRAM. NESTE PONTO, GERALMENTE OS PARTICIPANTES FAZEM UMA PERFORMANCE DE TEATRO REALISTA SEMELHANTE À TELENOVELA . O TEMA PODE SER UMA DISCUSSÃO ENTRE UM CASAL, EM UM EVENTO DE SEXO COMERCIAL OU ANÔNIMO, SOBRE FORMAS DE "NEGOCIAR" O USO DO PRESERVATIVO. NESSE MOMENTO APROVEITA-SE PARA MOSTRAR QUE CADA UM DEVE DESENVOLVER HABILIDADES PARA SE COMUNICAR DE MODO A DEIXAR CLARO QUE, ANTES DE UM RELACIONAMENTO SEXUAL DE QUALQUER TIPO, O SEXO SEGURO DEVE SER DISCUTIDO.**

situações, como o exercício de sexualidade entre casais recentes, entre casais que têm relacionamentos duradouros, em ambientes de sexo anônimo e semiclandestino, na decorrência de sexo comercial, entre casais com diversos estados sorológicos em relação a HIV/AIDS (quer sejam soropositivos, soronegativos, casais em que um é soropositivo ou em que se desconhece o estado sorológico). Também se abordam situações em que há sexo com uso simultâneo de bebida alcoólica ou drogas. Todas essas situações compartilham o fato de dificultar a comunicação e negociação do "sexo seguro".

Há também uma diferença entre o uso consistente (uso de preservativo em cada relacionamento com penetração sem importar com quem), e o uso inconsistente ou seletivo (utiliza-se somente em algumas situações ou com determinadas pessoas).

O objetivo desta seção é que os participantes "vivam" ou recriem essas situações mediante a encenação teatral. São selecionados alguns voluntários para a encenação de três situações da forma que eles queiram. Neste ponto, geralmente os participantes fazem uma performance de teatro realista semelhante à telenovela . O tema pode ser uma discussão entre um casal, em um evento de sexo comercial ou anônimo, sobre formas de "negociar" o uso do preservativo. Nesse momento aproveita-se para mostrar que cada um deve desenvolver habilidades para se comunicar de modo a deixar claro que, antes de um relacionamento sexual de qualquer tipo, o sexo seguro deve ser discutido.

#### **8) Sessão de perguntas e respostas.**

O mediador deve estar preparado para lidar com perguntas sobre temas variados relacionados com as chances de contrair a infecção com HIV e outras DSTs. Também deve sempre perguntar se os participantes têm outras informações que ajudem a resolver as perguntas formuladas ou se concordam.

#### **9) Avaliação final**

Os participantes serão estimulados a expressar o que sentiram, qual foi a sua experiência durante a oficina, o que tiraram de proveito. Neste momento, pode ser feita a distribuição de preservativos aos participantes.

Este esquema de oficina não é fechado em si. Algumas variações podem ser implementadas, como o uso de material erótico ou pornográfico. Os participantes são divididos em grupos de 4 ou 5 integrantes e devem sentir-se livres para expressar seus gostos pessoais e fantasias, bem como narrar suas experiências de vida. O uso de material pornográfico pode ser útil para trazer à tona esses sentimentos e emoções.

#### **Oficinas e Dinâmicas para Temas Específicos.**

Um outro tipo de oficina examina de maneira mais aprofundada temas específicos, geralmente trazidos à tona pelos participantes nas oficinas. Inicialmente seleciona-se um tema, sendo que alguns deles estão sempre presentes: violência, religião e homossexualidade, família e homossexualidade, entre outros. Alguns

temas têm a ver com o cotidiano, como por exemplo, a candidatura de políticos representando os interesses de gays e lésbicas nos governos municipal, estadual e federal, a união civil homossexual, algum episódio de homofobia etc .

A seguir, preparam-se perguntas sobre o tema selecionado, as quais serão formuladas no começo da sessão após uma breve introdução do tema (máximo 10 minutos). Cada grupo de 4 a 6 integrantes deve examinar as questões e discutir sobre elas (15 minutos). Um porta-voz do grupo deve expor para todos, sintetizando os pontos de consenso ou dissenso dentro do grupo no momento de abrir o debate (20 a 30 minutos). Essa modalidade de oficina pode ser útil para tratar temas pontuais e criar consciência de cidadania.

O tamanho do grupo é importante. Para qualquer oficina, melhores resultados são obtidos com grupos de até 15, 16 pessoas. Em eventos maiores (escolas com turmas de adolescentes), pode ser útil a supressão de alguns dos pontos em que há maior comunicação com a platéia. Porém, isso dificulta o grau de integração dos participantes.

Dinâmicas para trabalhar problemas que afetam o homossexual . A principal vantagem desse tipo de oficina é que pode ser direcionada a um tema muito específico, centrando-se o trabalho em dinâmicas ou exercícios que envolvam grande interação entre os participantes para tratar temas como, por exemplo, rotulação e preconceito, as relações do gay em sua família. Estes temas são relevantes para todos os grupos, que podem ser estigmatizados por seu desvio com respeito às normas impostas pela sociedade .

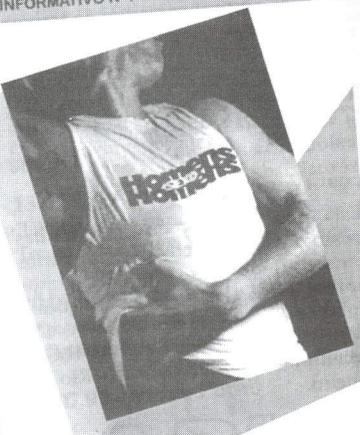
Dinâmica para trabalho sobre preconceito e rotulação . Exercício com os apelidos e nomes dados ao homossexual ou com rótulos colados nas costas dos participantes, que podem ser vistos pelo outros, mas não pelo portador . Os apelidos devem ser adivinhados pelos portadores de cada rótulo a partir das dicas fornecidas pelo resto do grupo .

Este exercício leva ao questionamento da linguagem preconceituosa, frequentemente composta por adjetivos femininos pejorativos. De maneira semelhante, uma lista com os nomes dados aos homossexuais demonstrará como a maioria é pejorativa .

Dinâmica para trabalho sobre relações com a família , no ambiente de estudo e no ambiente de trabalho. Distribuem-se cartões contendo palavras que designam integrantes de uma família ampliada (pai, mãe, irmão, irmã, avô, avó, tio, prima, etc), colegas de trabalho (melhor amigo no trabalho, chefe, supervisor, gerente, capataz) ou na escola (melhor amigo (a), colegas, professores) . Cada participante recebe um cartão e pede-se para dizer como são as relações de cada um com o parente (ou amigo/a), se essa pessoa sabe sobre sua orientação sexual, se é importante para cada um saber sobre esse aspecto de sua vida.

Analisa-se o medo de perder apoio, os silêncios, as parcerias, as expectativas de cada participante, da sociedade e da família interiorizadas em cada um.

PROJETO  
**HsH**  
INFORMATIVO N°1 JULHO/95



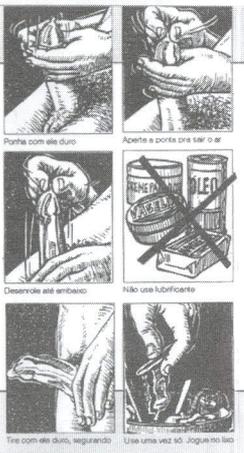
**ABIA**  
R. Sete de Setembro, 48 - 12º andar - Centro  
Rio de Janeiro - RJ Fone: 224-1654



# SEXO, HOMENS & AIDS

ABIA E PELA VIDDA/RJ  
GAPA/CE

Neste folheto você encontrará informações sobre algumas práticas sexuais, experimentadas por homens que fazem sexo com homens.



## Videoclube Gay

Os vídeos apresentam filmes comerciais (e ocasionalmente “cult movies”) em que, de alguma maneira, esteja presente um ou vários personagens homossexuais. O filme será selecionado segundo a opinião dos participantes, levando-se em conta o gosto de todos.

Um intervalo curto (10 minutos) segue-se à exibição do filme para que as pessoas possam beber e comer salgadinhos. A discussão deve começar com aspectos superficiais e deve ser aprofundada para que se perceba até que ponto os participantes vêem-se retratados nas cenas do filme. Inicialmente, os participantes devem descrever suas percepções e sentimentos sobre os personagens, as cenas e os diálogos de maior impacto, as atitudes e comportamentos dos personagens. O ambiente deve propiciar liberdade para que elas expressem o que gostaram ou odiaram, com o que concordaram ou discordaram. Também serão abordados aspectos de estética, tais como o uso da luz, o som, a música, a moda em relação à época, cenários (10 a 15 minutos).

Gradualmente a discussão será aprofundada, abordando a maneira como foi retratado o personagem homossexual, a forma como é veiculada a figura do homossexual, a mensagem que se encontra no fundo deste filme e as conseqüências que tal “retrato” traz para a comunidade homossexual, se colabora para perpetuar estereótipos e preconceitos, se quebra com representações anteriores, se ressalta determinados valores. Também sobre o tema principal: relacionamento, família, exercício da sexualidade, desejo (10 a 15 minutos). Finalmente, será dada ênfase à relevância do filme com relação à vida real dos participantes (encerramento).

Uma variação deste videoclube é a exibição de vídeos pornográficos e eróticos. Aspectos de estética com relação à época em que foi realizado o filme podem ser discutidos. Necessariamente surgirá o tema do sexo seguro, examinando as práticas representadas e o uso de preservativo.

## Debates

Os debates seguem um esquema que pode ser igualmente flexível. Seleciona-se um tema que surge nas discussões das oficinas de sexo seguro ou em virtude da sua atualidade: novidades no tratamento de AIDS, relacionamento, união civil homossexual, religião e homossexualidade, violência e homossexualidade, o gay e suas relações com a família.

Convidam-se 4 ou 5 pessoas que tenham alguma vivência ou certa trajetória em relação a determinado tema. Os convidados devem expor durante 10 minutos suas experiências ou pontos de vista (de 40 a 50 minutos), seguido de um intervalo. Abre-se o debate com perguntas dos participantes direcionadas aos convidados (20 a 30 minutos). A ordem também pode ser invertida, isto é, os convidados fazem perguntas para os participantes.

Finalmente, o coordenador ou uma pessoa que age como relator deve tentar sintetizar os pontos mais importantes de consenso e conflito e agradecer a colaboração dos convidados e participantes.

# OFICINAS DE TEATRO EXPRESSIONISTA

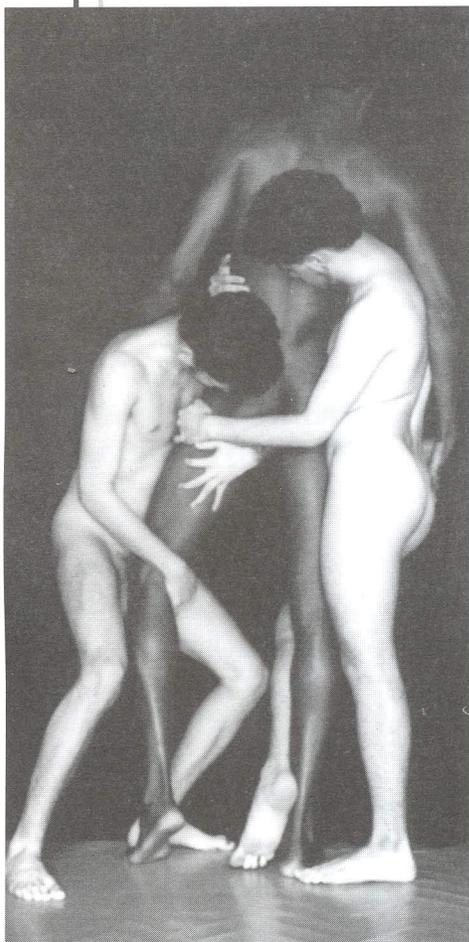
## DESCRIÇÃO E HISTÓRICO

As Oficinas de Teatro Expressionista (OTEs) surgiram em setembro de 1993 como parte do mesmo projeto direcionado a HSH. Desde o começo, as sessões mostraram uma grande afluência de público, mantendo uma rotatividade e um alto nível de participação e engajamento. Eventualmente, um trabalho coletivo paralelo começou a ser desenvolvido em 1994: a montagem de uma peça de teatro.

## OBJETIVOS

As OTEs buscam trabalhar o indivíduo como pessoa e não como somatório das situações que o circundam. Parte-se do princípio da necessidade de expor os problemas que incomodam o interior de cada um mediante a expressão. Por isso suas atividades pressupõem um movimento que necessita vir dos participantes de dentro para fora e não de fora para dentro, torna-se fundamental que a pessoa usufrua do seu direito de expressão, que a pessoa possa falar — verdades e/ou mentiras — sem ser reprimida, estigmatizada ou discriminada. Busca-se que a pessoa sinta que, no momento da oficina, ela é o centro: em outras palavras, que ela é mais importante do que a própria sociedade. Estimula-se a autoconfiança e auto-estima, tentando dar ao indivíduo a força para fazer parte da sociedade.

Os objetivos da OTE não devem ser fechados em si, devem ser infinitos, isto é, cada sessão pode ser uma nova experiência e nunca um ciclo que se fecha em si mesmo sem deixar opções para novas emoções e reações. Trata-se de criar novos agentes, novos multiplicadores e novos cidadãos. Busca-se recriar o cotidiano do próprio participante ou um cotidiano alheio. Busca-se conscientizar os indivíduos dos seus direitos e da necessidade de procurar a plena cidadania.



**A OFICINA REPRESENTA UM CAMPO DE EXPRESSÃO. PORTANTO, PODEM SURGIR ATRITOS ENTRE OS PARTICIPANTES. RECOMENDA-SE AO MEDIADOR SE POUPAR-SE DOS ATRITOS QUE POSSAM SURGIR. SUA POSTURA DEVE SER "DESARMADA", OU SEJA, ELE NÃO SE DEVE COLOCAR EM ESTADO DE TENSÃO POIS NÃO ESTÁ ALI PARA SE DESGASTAR. O COORDENADOR DEVE FICAR ATENTO PARA AS NECESSIDADES DOS PARTICIPANTES. ISTO SIGNIFICA QUE NÃO DEVE TRAZER SEUS PRÓPRIOS PROBLEMAS PARA A OFICINA. O MEDIADOR NÃO DEVE CONCENTRAR O PODER.**

## **PAPEL DO MEDIADOR-COORDENADOR NAS OFICINAS DE TEATRO EXPRESSIONISTA**

Nas OTEs, o mediador deve procurar fazer o possível para aliviar pressões, procurando fazer do local um espaço prazeroso e amável; veículo para que as pessoas tirem alguma coisa positiva. Por isso, recomenda-se receber os participantes com beijo, abraço e sorriso caloroso, criar um clima agradável e descontraído, rir sempre que puder.

O coordenador deve mediar as tensões sem tomar inicialmente partido e possibilitar que o próprio grupo crie soluções para as tensões criadas. O coordenador deve desnudar-se de seus preconceitos, não ter frases prontas ou idéias de certo e errado. O poder depositado em suas mãos não deve ser utilizado para inferiorizar os participantes; pelo contrário, o poder e a autoridade devem ser utilizados para permitir as emoções — boas e ruins — fluírem.

O mediador deve aparecer nas OTEs como ele mesmo sem aparentar ser outra coisa, lembrando que ninguém é dono da verdade. Deve procurar aprender, analisar e questionar todo fragmento e linha de pensamento expressados pelos participantes.

Quanto aos temas, é necessário buscar as atualidades e manter uma rotatividade nas sessões. É recomendável arquivar, gravar e escrever as experiências e relatos de cada oficina. Com o tempo, esse material pode servir para a elaboração coletiva de uma peça de teatro, de um vídeo ou para permitir outras manifestações artísticas (dança, canto coral, artes plásticas, poesia) que contenham ou expressem o conteúdo das estórias ou histórias de vida dos participantes.

O primeiro contato de um participante com esta oficina pode representar um abalo cultural, já que não está acostumado a expressar com liberdade, com respeito à sexualidade. Por isso o mediador deve estar consciente disso e caso uma pergunta seja feita e inicialmente não respondida a mesma deve ser refeita em algum momento depois do primeiro choque do contato com a oficina.

A oficina representa um campo de expressão. Portanto, podem surgir atritos entre os participantes. Recomenda-se ao mediador poupar-se dos atritos que possam surgir. Sua postura deve ser "desarmada", ou seja, ele não se deve colocar em estado de tensão pois não está ali para se desgastar. O coordenador deve ficar atento para as necessidades dos participantes. Isto significa que não deve trazer seus próprios problemas para a oficina.

O mediador não deve concentrar o poder. Outras formas de participação ativa dos frequentadores da OTE podem ser estimuladas no dia a dia da mesma, como o fato de delegar funções, como a de secretário que anota as coisas importantes para o coordenador, a de divulgador de eventos culturais e recreativos. Esta distribuição de atribuições pode ser bem mais importante na montagem de uma peça de teatro.

O mediador da OTE deve evitar várias situações. O fato de forçar a participação nos primeiros contatos de um participante com a oficina pode ocasionar a sua perda definitiva. Tomar partido em uma discussão é indesejável, assim como exercer o poder com excesso de autoridade, preferências pessoais ou per-

mitir a formação de subgrupos ou guetos. Como coordenador, deve evitar usar a posição de poder para fazer e desfazer qualquer atividade sem a participação das pessoas. Da mesma forma, não é recomendável que o mediador estimule situações que possam levar à estigmatização de grupos, como o emprego de piadas racistas por exemplo. As mesmas não devem ser permitidas.

Na OTE evita-se falar de religião porque algumas pessoas estão afastando-se das estruturas repressivas da sociedade mas ainda apresentam resquícios dos aspectos negativos da formação religiosa, como a coerção e a repressão.

O mediador deve estar alerta para as situações de agressão entre os participantes, apesar de que essa situação pode até ser necessárias para se abrir um leque de discussões entre os participantes. Essa situação não deve perdurar por mais de um tempo mínimo prudencial, de um a três minutos. É desaconselhável assumir atitudes de agressão para com os participantes, mesmo que haja agressão de algum deles para com o mediador.

## **PAPEL DOS PARTICIPANTES NAS OFICINAS DE TEATRO EXPRESSIONISTA**

Espera-se que seja o participante e não o mediador o expositor dos temas, os quais não devem ser prestabelecidos. O centro de atenção deve ser o participante e não o mediador. Os participantes devem colaborar, expondo ou expressando com moderação alguma situação, evitando monopolizar o ambiente, ironizar, agredir, desarticular, articular, fofocar, brigar ou inibir a expressão dos outros. Exige-se moderação e criatividade sem limite.

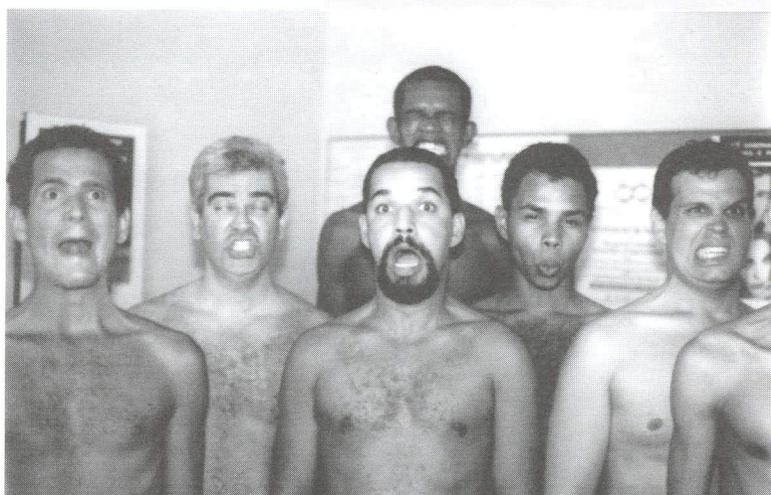
Nesta oficina é melhor evitar que casais freqüentem juntos as atividades. Também não se aconselha a permanência de casais ou subgrupos de amigos juntos durante o desenvolvimento do trabalho. Isso pode acanhar alguns ou criar conflitos paralelos, que diminuem o rendimento da oficina. Evita-se também decorar o nome de todos, já que a lembrança seletiva de alguns nomes pode ser visto ou sentido como privilégio a determinados participantes.

## **ATIVIDADES E MÉTODOS NAS OFICINAS DE TEATRO EXPRESSIONISTA**

### **Exercício.**

#### **1) Introdução de impacto**

O objetivo da introdução é estimular a expressão por parte dos participantes. Algumas frases de impacto, que dizem respeito a práticas sexuais, são selecionadas e formuladas como perguntas. Escolhem-se práticas sexuais diversas incluindo sempre aquelas mais conflitivas e sujeitas a preconceitos como sexo anal. As perguntas são formuladas em linguagem popular, sem artifícios técnicos



e de maneira direta: “Você já deu o cu esta semana? “Você chupou pau hoje?”; “Você foi chupado durante esta semana?”; “Você comeu cu esta semana?”

Outras perguntas podem ser feitas a um participante buscando que indique de quem ele mais gosta entre os participantes, a parte ou partes do corpo que mais gosta ou as coisas que gostaria de fazer com ele. A duração desta parte é de uma hora.

## **2) Oficina de Liberdade Corporal**

Previamente, organiza-se o conteúdo do(s) tema(s) que será(ão) abordado(s), dentre uma série de tópicos propícios para um bom desenvolvimento da oficina nesta etapa: sexualidade com o(s) parceiro(s), discriminação e estigmatização do próprio corpo (pudor e despudor), limites da moralidade, desenvolvimento de uma sexualidade livre e saudável - preventiva (ênfata-se a noção de liberdade: “Aqui é permitido tudo, menos comer ou dar o cu sem camisinha”).

### **Oficina de Liberdade Corporal - Etapa 1**

Pergunta-se aos participantes quem gostaria de participar da Oficina de Liberdade Corporal. Aqueles que responderem afirmativamente são orientados a ficar na sala. Os demais são convidados para a próxima sessão na próxima semana.

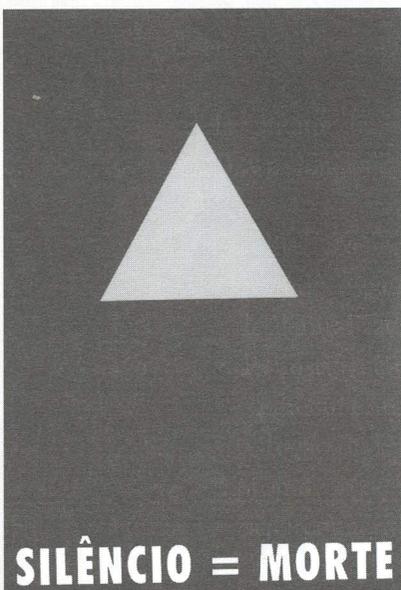
### **Oficina de Liberdade Corporal - Etapa 2 - Exercícios**

#### **1) Início do trabalho corporal**

Coloca-se uma música não muito alta e de ritmo suave, o mediador vai falando sobre um tema ao mesmo tempo em que os participantes fecham os olhos e começam a trabalhar individualmente o diafragma, fazendo uma respiração leve e pausada, procurando, perceber o corpo nas suas fases mais simples possíveis, oxigenando toda a extensão corporal.

#### **2) Continuação do trabalho corporal**

Os participantes continuam seu trabalho de percepção balançando o corpo de um lado para o outro, rodando a cabeça 360 graus, enrijecendo as pernas e os braços ao máximo e soltando-os até relaxar. Pede-se para se tocarem por completo a si mesmos acariciando em seqüência cabeça, tronco e pernas. Devem sentir que ao tocar os genitais há satisfação. O mediador pede para que percam o pudor, para “merecerem-se” isto é, permitirem a si mesmos se presentear com as próprias emoções e vontades. Pede-se para não buscar nada do lado de fora mas sim no seu interior. Enquanto escutam a canção, os participantes começam a andar bem devagar e a se perceber, perdendo o medo da escuridão e dos padrões de comportamento introjetados pela sociedade. Isto é chamado de “iluminar o interior” de cada um, já que se trata de permitir-se a expressão e exposição das vontades mais íntimas e ocultas.



### 3) Dança ou expressão corporal narrada.

Os participantes são deixados livres para circularem na escuridão — sempre com os olhos fechados — ,esbarrando-se e sentindo-se mutuamente. O mediador deve deixar claro que os limites dos parceiros eventuais não devem ser ultrapassados. Quando o mediador percebe que os participantes não estão abrindo mais os olhos e que atingiram disciplina e autocontrole é o momento de começar a teatralização com um texto elaborado sobre um dos temas acima mencionados. Os participantes escutam a voz do mediador e observam, criando e compondo histórias e estórias (fantasias, mentiras) sobre atitudes, comportamentos e sentimentos (medo, alegria, ódio, tristeza e outras emoções que surgirem).

A música a ser utilizada deve ser orquestrada (instrumental), possibilitando a melhor narração do mediador, que pode utilizar frases ou formular perguntas para estimular a reflexão e a expressão de emoções por parte dos participantes:

- “Você é um indivíduo livre para voar”
- “O que você faria se soubesse que compartilha o seu corpo jovem e saudável com um indivíduo oportunista, o HIV?”
- “Como lidar com a homossexualidade na clandestinidade?”
- “Você já falou para sua mãe que é homossexual?”
- “Se pudesse escolher, você nasceria homossexual?”
- “Sinta-se um homem”
- “Sinta-se mulher”
- “Sinta-se você mesmo como você é”

### 4) Interação corporal

A seguir, cada um tocará no corpo do outro em toda a sua extensão descendo desde a cabeça, passando pelo tórax, abdômem e genitais, indo até a ponta dos pés e subindo pelas pernas, coxas, nádegas, costas, nuca e cabeça. O mediador deve ordenar a mudança de parceiros sempre que necessário e estimular o respeito pelos limites impostos por ele. O mediador deve estimular os participantes a se permitirem conviver com diferenças de raça, complexão física, estado sócio-econômico, religião, entre outras. Deve-se enfatizar que os participantes são livres para tirar as roupas se sentirem necessidade, pois elas podem dificultar o despertar das emoções. Neste exato momento serão trabalhadas as emoções e não as sensações.

### 5) Encerramento da dança narrada e interação corporal

Os participantes são orientados a se afastarem e retomarem suas posições de se auto-sentir, se amar, se perceber, se sentir importante. Deitam-se no chão, tocando-se a si mesmos nos olhos, face, nariz, lábios, queixos e no coração. Pede-se para refletir





sobre como tratar as pessoas que precisam de nós, como agir perante a discriminação, se permitir ser ridículo perante a sociedade ou ser útil dentro da mesma. Ressalta-se que a coisa mais importante é o indivíduo e não a família, nem a religião, nem as estruturas que oprimem, nem quem não acredita na liberdade de expressão.

#### **6) Exercício de massagem grupal.**

Esta é uma forma alternativa de exercício. Seguindo as mesmas etapas do exercício anterior, ao invés da parte da interação corporal, os participantes começam a formar grupos entrelaçando-se e comparti-

lhando cada um com o corpo de um outro participante. Não se usam as mãos, somente o contato com as outras partes do corpo, como coxa com coxa, costas com costas ou tórax com tórax.

#### **7) Elaboração de uma carta de amor para o parceiro ou parceira**

Esta é uma outra forma alternativa de exercício que pode ser feita logo depois da sessão de introdução de impacto e antes do início do trabalho de corpo. Também pode ser feita como parte da dança narrada como estímulo para a introdução de um tema. Parte-se do pressuposto que uma carta íntima constitui um espaço para a expressão da emotividade.

#### **Oficina de Liberdade Corporal - Etapa 3 - (Debate)**

Os participantes sentam-se no chão, ainda com os olhos fechados. Acendem-se as luzes e se formula a pergunta:

- “Quais foram as suas emoções no escuro do seu interior?”

Depois de escutar individualmente cada resposta, coloca-se uma música leve e deixa-se que cada participante retorne à sua caracterização cotidiana. Muitos dos participantes estarão vestindo suas roupas. Neste momento deve-se evitar piadas sobre os corpos nus ou tumulto verbal. Já vestidos, pede-se responder por escrito a um curto questionário sobre a avaliação da oficina do dia. Todas as opiniões sobre a oficina, o mediador ou outros participantes devem ser feitas de forma anônima.

#### **3) Criação coletiva de uma peça de teatro**

A título de exemplo relataremos a experiência da montagem coletiva de uma peça de teatro como produto do trabalho de integrantes das OTEs. Isso não significa que esse tenha sido o intuito inicial nem a culminação do trabalho da

OTE. Depois de um ano de execução contínua de oficinas, a idéia de montar uma peça surgiu entre participantes interessados em atuar, aprender e compartilhar novas experiências. Eles selecionaram temas relevantes do cotidiano da vida do homossexual ao tempo que passaram a marcar ensaios, aulas e treinamentos de técnicas teatrais, através dos quais adquiriram habilidades e conhecimentos em impostação de voz, expressão corporal e drama.

Muitos dos participantes fizeram pesquisas em bibliotecas, onde obtiveram informações sobre as diversas escolas de teatro e, em particular, sobre teatro expressionista. As informações coletadas foram estudadas e divulgadas aos outros integrantes do grupo. As tarefas foram divididas e passou-se a trabalhar com afinco na elaboração de um roteiro, na caracterização de personagens e em diversos aspectos de encenação, vestuário e ambientação cenográfica. Ao mesmo tempo, e em forma paralela, dava-se continuidade ao trabalho de OTE.

Finalmente, neste caso concreto, a peça Cabaret Prevenção foi levada ao palco no verão de 1994-1995 no Rio de Janeiro, em um local bem conhecido da comunidade gay: O Teatro Alaska, em Copacabana. O nome da peça foi selecionado coletivamente depois de analisadas muitas sugestões.

Posteriormente, um vídeo foi produzido, documentando partes selecionadas da performance teatral, diálogos, apreciações sobre a peça e bastidores do trabalho artístico coletivo.

## **AGRADECIMENTOS**

As diversas atividades que compõem o ECQF e a OTE têm sido de muita ajuda tanto para os participantes como para os mediadores. Há vários depoimentos de pessoas que, em algum momento, freqüentaram os espaços ou que ainda comparecem com assiduidade aos mesmos, no sentido de verem nas suas vidas um desfecho prático dos temas abordados e tratados nas oficinas.

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração de um grande número de pessoas, às quais devemos nossa gratidão, já que fizeram possível a construção e manutenção de um espaço de diálogo, expressão e reflexão. Agradecemos à entidade anfitriã, a ABIA, em cujo seio se planejaram e desenvolveram as atividades antes mencionadas, sendo realizados também os ajustes necessários, e ao Grupo pela VIDDA, que durante dois anos colaborou ativamente com o projeto. Devemos especiais agradecimentos aos participantes, que muitas vezes com sacrifícios estiveram presentes na maioria das atividades e que, compartilhando suas vidas conosco, contribuíram com aportes inestimáveis para, juntos, construirmos uma vivência digna e feliz da homossexualidade.

**AS DIVERSAS ATIVIDADES QUE COMPÕEM O ECQF E A OTE TÊM SIDO DE MUITA AJUDA TANTO PARA OS PARTICIPANTES COMO PARA OS MEDIADORES. HÁ VÁRIOS DEPOIMENTOS DE PESSOAS QUE, EM ALGUM MOMENTO, FREQUENTARAM OS ESPAÇOS OU QUE AINDA COMPARECEM COM ASSIDUIDADE AOS MESMOS, NO SENTIDO DE VEREM NAS SUAS VIDAS UM DESECHO PRÁTICO DOS TEMAS ABORDADOS E TRATADOS NAS OFICINAS.**



**AUTORES**

Edgar Merchán-Hamann  
Vagner de Almeida  
Veriano Terto Júnior  
Richard Parker

**COPYRIGHT**

ABIA, 1997

**APOIO PARA A CRIAÇÃO DO MANUAL**

Associação Saúde da Família – Projeto AIDSCAP/Brasil  
USAID (1997)

**PROJETO GRÁFICO**

A 4 Mãos

**APOIO PARA REIMPRESSÃO**

(tiragem de 500 exemplares, 2002)



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS  
Rua da Candelária, 79/10º andar - Centro  
20091-020 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Tel.: (21) 2223-1040 Fax: (21) 2253-8495  
E-mail: [abia@abiaids.org.br](mailto:abia@abiaids.org.br)  
Internet: [www.abiaids.org.br](http://www.abiaids.org.br)

**ABIA**